



juntos
POR UMA REVOLUÇÃO ECOSOCIALISTA

GUIA
MILITANTE
ANTI-IMPERIALISTA
ANTIFASCISTA



Sumário

A extrema direita, a guerra e as crises.....	4
O ciclo das crises no capitalismo.....	4
A paz no capitalismo é apenas o intervalo entre duas guerras.....	6
A extrema direita e a nossa tarefa.....	7
Tática e Estratégia.....	8
Nossa estratégia para derrotar a extrema- direita.....	10
Como construir uma organização para derrotar a extrema- direita?	11
1. Para que serve uma organização?.....	11
2. A auto organização da juventude.....	13
3. O que é a captação e como fazê- la?.....	13
4. O que é um núcleo e por que ele importa?.....	15
5. Quadros e Direção.....	17
6. Retornar ao movimento: agitação e propaganda.....	18
7. Jornal Juntos!: a propaganda essencial para a captação.....	19
8. Enraizar nossa atuação: o papel das entidades.....	20
9. Da luta à revolução ecossocialista.....	22

Editorial

Este guia existe porque a nossa prática diária não pode caminhar no escuro. Entender a dimensão histórica do capitalismo é o que nos permite enxergar que ele não é eterno, mas também que não vai cair de podre, ele só será superado pela nossa organização e disputa de consciências onde quer que estejamos.

Hoje, vivemos uma contradição brutal: enquanto a tecnologia permite uma produção de riqueza sem precedentes, boa parte da humanidade é empurrada para a barbárie. Os imperialistas seguem tentando dividir o mundo entre si, usando a extrema-direita como braço político para acelerar a pilhagem e destruir direitos. A formação política é o que nos dá a clareza para conectar cada um desses problemas, da falta de investimento em uma política social às guerras pelo mundo, até a luta por um mundo novo.



A extrema-direita, a guerra e as crises



Vivemos hoje sob a sombra de conflitos que parecem intermináveis: o genocídio na Palestina financiado pelo imperialismo, a guerra na Ucrânia, as constantes ameaças de intervenção na América Latina ou mesmo os ataques dos EUA ao Irã. Para quem olha de fora, a sensação é de um mundo em chamas. Para nós, militantes e revolucionários, esse incêndio não é um desastre natural. Ele tem culpados e é sustentado uma lógica econômica. As guerras não são fatos isolados, mas a expressão máxima do estágio atual do capitalismo, um sistema que, para sobreviver à sua própria decadência, abraça o projeto da extrema-direita e da destruição da vida. Não existe capitalismo sem destruição. Esse sistema, em seu estágio atual, não oferece mais progresso à humanidade, apenas a reprodução da barbárie. Assim, as guerras são as expressões violentas da busca pela expansão de espaço geográfico e acesso a recursos naturais para garantir a exploração e o lucro.



O ciclo das crises no capitalismo

Para o marxismo, as crises não são um acidente, mas uma necessidade do sistema capitalista para seguir produzindo e se reproduzindo. O capitalista produz com um único objetivo: transformar dinheiro em mais dinheiro. O problema é que, na busca desenfreada pelo lucro, o capital esbarra na sua própria contradição:

- **A crise** como a produção capitalista não é planejada apenas para suprir as necessidades sociais, chega um momento onde o mercado fica abarrotado de mercadorias que a classe trabalhadora, empobrecida pelo próprio estágio de exploração, não consegue consumir. As mercadorias não giram, o lucro cai e o movimento do capital trava.
- **A depressão** quando a mercadoria não se converte em dinheiro, o movimento do capital é suspenso. Para “curar” o sistema, o capitalismo promove a destruição de forças produtivas: fábricas fecham, estoques são queimados e o desemprego em massa é utilizado para rebaixar ainda mais o valor da força de trabalho. Nesse estágio, também se buscam novos mercados e matérias primas, muitas vezes por meio da invasão de territórios.
- **A retomada** as empresas gigantes que sobreviveram à depressão absorvem as menores que quebraram, comprando seus equipamentos e instalações por quase nada. O comércio se reanima, as mercadorias voltam a circular, os preços sobem e, pouco a pouco, o desemprego diminui, mas sob uma base de exploração muito mais intensa.
- **O auge “o boom”** os capitalistas abrem novas frentes e a produção é ampliada ao máximo, inundando o mercado com quantidades cada vez maiores de mercadorias. As condições de vida parecem melhorar, até que um novo detonador, como a queda da taxa de lucro ou o subconsumo das mercadorias pela classe trabalhadora, mostra que o mercado está novamente abarrotado. Os preços caem, a crise chega e todo o ciclo recomeça.

O capitalismo restaura as condições de sua continuidade através da miséria generalizada. A crise é o mecanismo violento que o sistema usa para se reequilibrar antes do próximo tombo.



A paz no capitalismo é apenas o intervalo entre duas guerras

Quando o mercado interno se torna pequeno demais para a massa de capital acumulado, as potências partem para agressão externa. O imperialismo é a fase superior do capitalismo, onde a disputa por mercados, matérias-primas e influência leva inevitavelmente ao conflito armado. A guerra como política de pilhagem levada ao extremo pela burguesia, como disse Trotsky, cumpre uma função econômica vital para o capitalismo e para as grandes potências imperialistas:

Escoamento de Capital

O Estado gasta bilhões na indústria bélica, garantindo lucro para os grandes monopólios mesmo quando o consumo está em queda.

Destruir para reconstruir

A guerra devasta nações inteiras, “limpando” o terreno para que o capital possa entrar novamente, reconstruindo infraestruturas e explorando novos territórios.

A extrema direita e a nossa tarefa



A ascensão da extrema-direita global (do trumpismo ao sionismo fascista) é a resposta política da burguesia diante da decadência do sistema. Quando as instituições da democracia burguesa não conseguem mais conter as contradições sociais e garantir a taxa de lucro, o capital retira a sua máscara “democrática” e redobra a aposta na violência e no autoritarismo. A extrema-direita é o projeto político que aceita a agressão sem precedentes contra os povos e contra a própria classe trabalhadora. Eles canalizam o medo e a miséria gerados pela crise para o ódio e o nacionalismo exacerbado, impedindo a unidade internacional da nossa classe. A guerra é, hoje, o projeto da extrema-direita para o mundo.

Como revolucionários, entendemos que o “fim da história”, como proclamam os liberais, não é o capitalismo. Esse sistema vive uma busca incessante por lucro que agora ameaça a própria vida no planeta. E, diante desse mundo em chamas, a alternativa neoliberal de um “capitalismo verde” se mostra uma ilusão cada vez mais perigosa. O capitalismo exige crescimento infinito em um planeta de recursos que acabam; por isso, a crise ambiental e a crise econômica são duas faces da mesma moeda. Não há solução para a crise climática sem o fim da propriedade privada dos meios de produção, onde a produção é planejada para suprir as necessidades humanas e respeitar os limites da natureza, e não para acumular capital. Isso significa parar a engrenagem das guerras imperialistas, que são as maiores poluidoras e destruidoras do planeta, e redirecionar toda a riqueza produzida para as necessidades das pessoas.

Enquanto tudo que a extrema-direita tem a nos oferecer é um “salve-se quem puder” e o extermínio dos mais pobres, o ecosocialismo oferece a solidariedade internacionalista e a reconciliação da humanidade com a natureza. A crise capitalista desfaz o argumento de que esse sistema é invencível. Como disse Rosa Luxemburgo e reforçamos hoje sob uma nova perspectiva, estamos diante de duas alternativas concretas: ecosocialismo ou barbárie.

Tática e Estratégia

Essa compreensão trazida acima não vem do acaso ou de meras opiniões. É fruto de um método científico em que Marx se baseia: o materialismo dialético. Esse método parte do princípio de que a realidade não se molda ou simplesmente “acontece”, mas é constantemente alterada pelas nossas ações. Assim, a realidade social é parte do que determina nossa consciência e é nossa consciência que determina nossas ações.

Partimos, portanto, da ideia de que é fundamental uma análise concreta da realidade e sua dinâmica, com todas suas nuances políticas, culturais, sociais e como elas se relacionam com a totalidade.

Analisar concretamente a sociedade significa buscar aquilo que está velado pela situação de alienação e as narrativas ideologicamente mentirosas que perpetuam a dominação de uma pequena elite bilionária, que explora e espolia a grande maioria do povo.

Antônio Gramsci nos ensina que “a verdade é revolucionária”. Por isso, é fundamental fazer o esforço de encontrar e desvelar as contradições e conflitos de interesses que se apresentam na sociedade, como recuperar o processo cíclico de crises do capitalismo, a fim de deixá-los mais ou menos aparentes, para disputar e disseminar nossas ideias, e fortalecê-las à medida que ganham cada vez mais pessoas, e, assim, passar a mudar a realidade.

A tarefa do militante, entre outras coisas, é denunciar os interesses mesquinhos que colocam permanentemente o lucro de poucos acima da vida de todos, mobilizar as massas em favor de seus interesses e construir uma direção política que seja fiel a tais interesses. Um corpo político que não coloque seus interesses particulares acima dos interesses gerais do povo e seja consciente na luta pelo ecossocialismo e pela liberdade.

Partindo desse princípio, buscamos transformar a realidade concreta a partir dos fatos sociais mais relevantes na conjuntura política.



A conjuntura nada mais é do que o retrato da realidade no momento em que estamos, ou seja, aquilo que está acontecendo na nossa área de atuação para que possamos detectar quais são as reais necessidades do povo. É importante ressaltar que Trotsky nos ensina, no Programa de Transição (1938), que devemos estar atentos às necessidades imediatas das massas para atuar e resolver essas demandas.

Para melhor compreender as principais características do momento, realizamos o trabalho de análise, em que buscamos a maior quantidade de determinações possíveis, contexto e dimensões para que tenhamos uma visão clara e profunda do que está acontecendo.

Em seguida, fazemos a caracterização, ou seja, observamos o que está acontecendo na sociedade, a conjuntura externa, compreendendo qual a dinâmica dos acontecimentos e quais as tarefas correspondentes da militância.

Com toda essa conjuntura percebida e compreendida, não basta para o militante a mera observação e o papel de comentarista da realidade, de modo que toda análise fica a serviço de uma intervenção e transformação da realidade, aquilo que chamamos de política.

O dirigente trotskista argentino Nahuel Moreno explicou o método de intervenção dos militantes e seu partido fazendo uma analogia com a medicina:

“quando vamos ao médico são feitos os exames dos mais variados níveis de colesterol, plaquetas, anticorpos, ou seja, a análise dos vários indicadores de saúde ou doença. Com base nos exames, o médico propõe um diagnóstico do paciente e, ao identificar as relações entre os múltiplos elementos, faz uma caracterização da evolução da doença. Por fim, é receitado um tratamento, medicamentos e providências, ou seja, uma política para curar o paciente. Assim como na medicina, um diagnóstico errado pode não fazer efeito, ou até matar o paciente. Na atividade militante uma caracterização equivocada pode levar a um erro ou a uma derrota política” (MORENO, 1986).

Nossa estratégia para derrotar a extrema-direita

Nesse sentido, na conjuntura que estamos vivendo utilizamos da análise para compreender os fenômenos ao nosso redor (ampliação da ofensiva imperialista; governos de extrema-direita se consolidando; impopularidade de governos liberais; mobilizações amplas, porém dispersas etc), para construir uma caracterização. Ou seja, vivemos em um período marcado pela ascensão e consolidação da extrema-direita em meio a uma crise do capitalismo, que mantém sua relevância com base no esgotamento da governança liberal – seja de esquerda ou direita –, na indignação popular e na falta de alternativas de ruptura consolidadas à esquerda. A extrema-direita tem como objetivo uma derrota histórica da classe trabalhadora para buscar dar uma resposta à crise com base no desmonte das organizações dos trabalhadores, na ampliação da exploração, no racismo, no machismo e na LGBTfobia.

Isso nos leva a uma política: precisamos criar uma barreira de contenção à derrota que a extrema-direita quer nos impor, construindo uma unidade o mais ampla possível de combate em comum, mas também compreendendo que parte da sua reprodução vem dos limites dos governos liberais antipopulares, inclusive de esquerda, o que torna necessário, a partir dessa unidade, afirmar uma nova esquerda, conectada com as lutas e demandas populares.

Para isso, vamos usar da tática e da estratégia. Nossa estratégia, de médio prazo, é derrotar a extrema-direita, por todos os meios necessários, mas buscando afirmar com isso nossa organização e nosso projeto. Nesse sentido, várias táticas se colocam. Para barrar a extrema direita construímos eventos como a Conferência Antifascista, fazemos atos unitários e até mesmo podemos estar juntos em determinados momentos nas urnas.

Mas se nossa caracterização conclui que é necessário também afirmar um outro projeto, precisamos ver a construção da nossa organização como uma necessidade estratégica. A seguir, vamos avaliar quais táticas podem ser utilizadas para facilitar esse nosso desafio.

Como construir uma organização para derrotar a extrema-direita?



Aqui vamos tratar de alguns conceitos básicos de uma ciência muito mais ampla e complexa ligada à organização política. Esse texto serve para o sentido fundamental que nos interessa: precisamos construir o trabalho de base. Ampliar a captação, tendo coragem e firmeza em apresentar nosso coletivo, fundar e organizar núcleos onde nossa militância possa ser localizada e desenvolver novas apostas que possam abrir seus trabalhos e chegar a mais espaços.

1. Para que serve uma organização?

Lenin e a Revolução Russa trouxeram uma colaboração fundamental para os socialistas de todo mundo: as revoluções só podem realmente mudar nosso sistema quando existe um partido (uma organização) revolucionário. Sem ele, é impossível que as lutas sociais, que pelas contradições do capitalismo surgem naturalmente, possam ir ao encontro das mudanças estruturais que dêem um fim no sistema capitalista. Sem um partido, os setores em luta acabam sendo rendidos de alguma forma. Foi só com o Partido Bolchevique que em 1917 a luta por Paz, Pão e Terra pôde criar uma nova sociedade na Rússia e, até hoje, nenhuma revolução socialista foi feita sem uma organização revolucionária à sua frente.

Esse partido, nas palavras de Nahuel Moreno, tem duas estratégias (ou objetivos) principais: ampliar as mobilizações populares e se fortalecer. As lutas sociais são naturais no capitalismo e de uma sociedade dividida em classes e surgem muitas vezes por fora das organizações. Mas seu rumo depende de como essas organizações políticas atuam – quanto mais forte é uma classe em movimento e mais ampla e madura sua direção, mais chance a luta tem de conseguir sucesso em seus objetivos. Isso nos leva a uma conclusão: é fundamental para qualquer revolu-



cionário construir uma organização política capaz de ter peso real na sociedade e capacidade de diálogo com os setores explorados da sociedade.

Isso se dá em escala micro e macro. Falamos da Revolução Russa, mas mesmo em lutas menores uma organização política segue sendo fundamental. A própria existência do Juntos! comprova isso: a partir de nosso acúmulo, em trabalho com outras forças, diversas lutas puderam ser encampadas, se ampliar e não foram desperdiçadas – desde lutas nacionais como Tsunami da Educação e as mobilizações pelo Fora Bolsonaro na pandemia, até mobilizações mais localizadas.

Como vimos, as lutas surgem por muitas razões. A tendência, pela lógica de alienação em que o capitalismo forma nossas subjetividades, é de que as lutas sejam entendidas como processos parciais e desconectados. Em um momento onde o individualismo tem força, isso se reflete nas próprias mobilizações: há a minha luta e a luta do outro. É como se o que atingisse uma pessoa, que tem sua própria forma de se relacionar com o mundo, fosse totalmente distinta do que acontece com a outra. A exploração, a violência, a opressão, em suas múltiplas formas, são colocadas em caixas que são desconectadas entre si e que por isso se limitam.

O partido serve para ir além dessa tendência em que o capitalismo nos coloca. Queremos apontar como as lutas são conectadas, não se contrapõem entre si e que precisam ser combinadas porque grande parte desses problemas só serão realmente enfrentados com uma revolução que ponha fim ao capitalismo. Para tanto, a unidade do conjunto dos explorados e oprimidos é fundamental.

Entender a revolução é o nosso objetivo final não significa entender que as reformas no hoje não sejam importantes, inclusive são urgentes. Mas estarão sempre limitadas pela sociabilidade que o capitalismo nos impõe. Ao mesmo tempo, não podemos nos iludir que uma revolução que construa o ecossocialismo transformará todas as relações sociais de uma vez, mas que ela abrirá possibilidades que hoje não existem em meio ao capitalismo. O partido precisa combinar a luta por reformas com a necessidade da revolução, sendo o instrumento onde se acumula a experiência das lutas passadas, onde se organizam os ativis-





tas desses processos e que dá uma direção para que as lutas futuras possam surgir e avançar. Por isso, dizemos que nossa estratégia é sempre impulsionar as lutas e fortalecer o partido. Mas qual o papel do Juntos!?

2. A auto organização da juventude

O partido é o instrumento que atua sobre a totalidade da vida social, a unidade em meio a diversidade. Mas com a experiência histórica, aprendemos que também é necessário termos espaços próprios para organizar lutas ou setores sociais específicos. É o caso do que chamamos de colaterais, frentes ou mesmo movimentos, que são criados para organizar a luta das mulheres, do negros e negras, dos trabalhadores e por aí vai. O Juntos! surgiu em 2011 a partir de uma leitura de que a juventude era um dos principais setores a se mobilizar pelo mundo. Onde havia luta, haviam jovens, inclusive como lideranças desses processos. E assim, foi criado como um instrumento para organizar a indignação dos jovens que querem lutar por outro futuro. Onde poderia haver uma autonomia de organização, para que a juventude possa se testar, de forma conectada com as tarefas do partido.

O Juntos! é um instrumento para que possamos construir lutas e trabalho de base em meio a uma parte do povo que tem sido muito dinâmica. É uma forma de impulsionar a construção do partido pela juventude. Mas como podemos construir o Juntos!?

3. O que é a captação e como fazê-la?

A captação é o ato de convencer alguma pessoa de fora do nosso movimento a entrar nele. É o ato mais básico e fundamental para conseguirmos construir uma organização que possa se expandir e ter peso real na sociedade. É uma tarefa essencial que permite que a organização siga viva e atuante nas lutas políticas: não existe partido ou movimento sem que haja captação.

Podemos encontrar a pessoa em uma luta política, por meio da internet ou em uma escola que estamos passando chamando para uma atividade. Tudo depende da nossa política e objetivo das nossas lutas no momento. O fundamental é que, para que



essa pessoa siga ativa e torne-se um militante nosso, precisamos iniciar um processo de captação.

Sendo assim, é fundamental não esconder nossos objetivos. Somos uma organização que quer se ampliar e chegar a mais pessoas e que busca que aqueles que estão se movimentando encontrem em nós um projeto de sociedade que os representem e que os mantenha organizados sob nosso programa. Para isso, temos que ser bastante honestos com quem queremos ganhar: somos o Juntos! e queremos que você venha militar conosco.

Muitas vezes somos vítimas de um medo ou de vergonha de nos apresentar. Isso não pode ser assim. É verdade que nem toda pessoa vai querer se organizar conosco – algo que é natural e temos que saber respeitar – mas nunca vamos conseguir convencer as pessoas se não somos transparentes com elas. Nossas convocações para os atos, calouradas, atividades de panfletagem – ou seja, qualquer atividade onde envolvemos mais pessoas que nós – precisam vir acompanhadas com um convite aberto a conhecer e ser do Juntos! para aqueles com quem estamos dialogando.

Para isso, é importante saber onde começar. A pessoa que está em processo de captação não precisa ter, desde o começo, todas as ideias em comum conosco – precisamos começar de onde a pessoa está. Se a pessoa se interessa pelo tema ambiental, temos que apresentar nossa política frente ao colapso climático e a partir daí ir avançando: como impedir o desmatamento? Qual a relação dele com o agronegócio? Porque o governo Lula segue em aliança com esses setores? Que caminhos podemos traçar com o movimento estudantil e de trabalhadores para tentar construir um projeto diferente desses? E assim trazê-la para nossa organização.

Ter uma abordagem pedagógica, como ensina Paulo Freire, é fundamental, sem perder nosso objetivo central: fazer com que essa pessoa interessada possa se tornar um militante. Isso depende de nossa iniciativa.

Isso vale tanto individualmente quanto coletivamente. Instrumentos como nosso jornal, site e redes são fundamentais, especialmente quando se trata de uma captação individual. Mas temos que saber também utilizar esses instrumentos e esse es-



pírito em situações coletivas: se estamos organizando um grupo de pessoas em torno de determinada luta/greve, ou se conseguimos trazer um CA ou grêmio estudantil para uma atividade. Se nos apresentarmos, veremos que a disposição de nos conhecerem pode ser maior do que esperávamos.

Mas não temos como ganhar sem perder: as captações coletivas dificilmente são de todo o grupo que estava em nosso entorno, por isso não podemos ser idealistas. Precisamos ver quando é o momento onde a nossa apresentação para esse grupo pode trazer o máximo de pessoas possível.

Ou seja, a captação é uma das atividades mais fundamentais de qualquer pessoa organizada politicamente. E só conseguimos trazer pessoas para nossa organização nos apresentando abertamente, não escondendo nosso programa, mas sabendo dialogar com os temas de maior interesse dos ativistas com quem dialogamos e tendo a política de captação combinada com nossas lutas e atividades amplas.


Trazer pessoas para a organização, porém, não é suficiente: é preciso que não as percamos. Para isso precisamos organizá-las e nucleá-las.

4. O que é um núcleo e por que ele importa?

O núcleo é o espaço mais básico de reunião da nossa militância. É onde os nossos se encontram, debatem política e encaminham tarefas. Sem ele não é possível ter uma organização consolidada. Uma direção, para existir efetivamente, precisa ser dirigente de núcleos de base onde a militância se reúna.

Eles podem se encontrar tanto a partir das estruturas que atuam (secundaristas, universidade x, curso z, bairro y, cidade w), quanto a partir de determinadas pautas (ambiental, negros e negras, cultura, etc). Ou seja, são um espaço de atuação em comum que também funcionam como um espaço de encontro e reconhecimento para nossa própria militância.

Para conseguir organizar e manter aquelas pessoas que captamos, precisamos buscar entender em que núcleo a pessoa deve atuar – um militante que não tenha localização dificilmente vai permanecer em nossa organização por muito tempo, mesmo que possa reivindicar nossa política.



E precisamos ser bastante compreensivos e transigentes. Nuclear uma pessoa não pode ser um processo burocrático, imposto por cima e sem diálogo. Precisa ser um encontro das nossas necessidades como organização com os interesses da pessoa. É preciso entender e compreender de onde parte o novo militante e o colocar em um lugar que possa desenvolver seu potencial.

As pessoas não seguem um padrão e, por isso, nem nossa militância pode seguir. Cada pessoa tem uma potencialidade e interesses em espaços e áreas diferentes e é importante que sua localização se combine com isso: fazer com que suas tarefas nos permitam crescer e a permitam crescer conosco.

Nosso desafio precisa, portanto, ser duplo: construir núcleos que agreguem nossa militância e que consigam fazer com que ela se movimente e nos fortaleça enquanto organização, mas também que se conectem com as lutas reais que existem no país. Assim como não é possível manter por muito tempo uma nucleação de uma pessoa de forma forçada, não é possível fazer um núcleo só com uma pessoa e não existe núcleo sem direção.

Além disso, é sempre importante compreender como os núcleos se refletem na dinâmica de vida das pessoas. Às vezes, nos forçamos para fazer somente reuniões grandes e gerais e acabamos excluindo diversos militantes que por suas condições de vida poderiam atuar em um núcleo de curso, de escola, ou seja, mais específico. É importante entender como se adaptar à vida dos nossos militantes (e a seus locais físicos), para que possamos ter um organismo funcional.

Por fim, nós do Juntos! funcionamos a partir do centralismo democrático. Isso não significa, como na tradição de coletivos stalinistas, que na verdade utilizam um centralismo burocrático, que esse método serve para afastar nossos debates internos e discussões sobre as táticas e estratégias que temos. Todo militante nosso tem que se sentir livre para colocar suas questões em seu núcleo – que é o seu espaço de debate – e de ter suas posições dentro da organização. Porém, para fora, golpeamos como um só, o que definimos coletivamente é a nossa política e será o que vamos defender nos espaços amplos.



É uma combinação entre amplitude e democracia na discussão e centralidade e unidade na ação. Só que o centralismo democrático não é uma forma rígida. Ele varia de acordo com alguns fatores, como o tempo que temos para definir nossa resposta política, as condições objetivas que possibilitam ou não uma discussão, o teor da definição e até mesmo a autoridade da direção. Em uma conjuntura ditatorial, há menor espaço para um debate amplo, situação inversa do que ocorre em uma democracia (burguesa). Há também situações em que a direção terá que dar respostas sem um debate prévio com sua base, pela necessidade de sermos rápidos em reagir a determinado acontecimento. O central é entender que há uma articulação dialética entre democracia e centralismo que determina o funcionamento da organização.

Não funcionamos acreditando que o mérito individual supera o coletivo e que a direção necessariamente terá sempre todas as respostas. Mas nossa democracia interna se combina com o centralismo como forma de fortalecer nossa atuação enquanto coletivo e possibilitar que sejamos um instrumento da luta de classes – esse método de funcionamento é um dos principais ensinamentos da história das organizações internacionais do mundo.

5. Quadros e Direção

Após o processo de nucleação, sempre vão ter militantes que se destacam por um motivo ou outro: podem ser mais dedicados, fazer falas que cheguem às pessoas, conseguir aproximar mais futuros militantes. Os casos são diversos. Essas pessoas serão os quadros. Elas não são necessariamente pessoas fixas ou com “habilidades naturais”, mas são pessoas que por suas condições em determinado momento podem contribuir mais com a organização.

Suas qualidades, assim como as qualidades dos militantes de forma geral, são variadas e precisam ser aproveitadas dessa forma. Muitas vezes o que permite uma pessoa se desenvolver (ou não conseguir se desenvolver) como quadro é a localização onde a colocamos. Às vezes uma pessoa é muito tímida, mas muito valiosa na comunicação de redes, ou tem pouca capaci-

dade de fazer falas públicas, mas consegue ganhar muitos militantes nas conversas de captação.

Isso não significa que todos se disponham a ocupar esse espaço – precisamos compreender e aproveitar o que cada um pode oferecer –, mas que é importante aproveitar as qualidades e sensibilidades de todos, em especial daqueles que em determinado momento têm mais a contribuir com a organização.

Os quadros não têm mais direitos do que o resto da militância e nem podem ter – todos na organização precisam ter direitos similares. Mas, exatamente por se dedicarem e se doarem à organização, precisam ter uma atenção especial, hierarquizada, de acordo com suas tarefas – cursos de formação próprios, espaços de reunião. Afinal, é a partir dos quadros que pode-se formar uma direção.


A direção, por sua vez, é o organismo mais hierarquizado da organização. É onde se reflete a totalidade de nossa política. Nossas direções precisam ser mutáveis e sempre colocadas a teste – dirigir não é um privilégio, mas um papel de responsabilidade perante o coletivo. Uma direção, quando madura, é formada por quadros de diferentes qualidades e espaços de atuação. Ela precisa ser um reflexo do nosso trabalho real e portanto um ponto de elaboração e desenvolvimento da nossa política em relação à troca constante com os núcleos.

6. Retornar ao movimento: agitação e propaganda

Os nossos militantes surgem das lutas sociais, são captados e passam a fazer parte de núcleos. Podem se tornar quadros ou mesmo dirigentes da nossa organização. E fazemos tudo isso para voltar à luta com mais condições. Aqui, existem dois conceitos importantes que nos ajudam a apresentar a nossa política para fora: a agitação e a propaganda.

A agitação é a forma como apresentamos uma alternativa para os desafios de toda a classe trabalhadora ou para um determinado setor dela, como a juventude e os estudantes. É quando falamos poucas palavras para muitas pessoas. É quando fazemos um jogral (quando uma pessoa fala e as demais repetem) em um Restaurante Universitário denunciando o corte





de verbas; quando colocamos uma faixa ou cartaz denunciando os casos de assédio que seguem acontecendo em uma escola; quando fazemos uma panfletagem em um local de grande circulação denunciando o aumento das tarifas de transporte; ou quando falamos com uma caixa de som nas ruas e praças sobre o ajuste fiscal que o governo tem feito. São muitos exemplos: o que importa é entender que a agitação é a atividade central de sempre estar buscando disputar a consciência das pessoas e incentivar a mobilização.

A agitação pode ser para ação, propondo que ocorra uma mobilização, quando convocamos para um ato; ou de organização, quando apresentamos que é necessário nos auto-organizar de determinada forma para conseguir ter condições de lutar. Na maioria dos casos, a agitação é composta por palavras de ordem que apresentam nossa política de forma resumida: contra o corte de verbas!; chega de assédios na escola!; pela redução das tarifas dos ônibus!; greve estudantil por mais orçamento!; etc.

Já a propaganda é quando explicamos para as pessoas mais interessadas o sentido das palavras que falamos quando estamos fazendo uma agitação. É quando falamos muitas palavras para poucas pessoas. Aqui, queremos esclarecer o porquê de nossas ações, de forma que outros entendam e possam vir a construí-las conosco. São também muitos os exemplos de atividades de propaganda: um curso de formação, uma atividade de debate durante a calourada, uma conversa com um ativista onde apresentamos o Juntos!. Além da venda do nosso jornal, que é um instrumento central e que precisamos utilizar com maior frequência.

7. Jornal Juntos!: a propaganda essencial para a captação

O jornal é um instrumento que está na atividade dos revolucionários há muito tempo, desde quando Marx militava. Ele passou a ter mais centralidade com o processo da Revolução Russa. Lá, por conta da repressão do czarismo (que era semelhante a uma ditadura), a militância estava muito dispersa e o jornal foi uma forma de unificar a linha política do partido. Desde então, quase



todas as organizações políticas passaram a ter algum jornal.

As redes sociais trouxeram mudanças importantes, com uma maior circulação de ideias e uma facilidade de atualizar a militância sobre nossa linha política diante das mudanças na conjuntura. Nosso movimento, que nasceu em meio às transformações da internet, sempre esteve conectado com isso, seguindo até hoje com um site e perfis em redes sociais onde fazemos a disputa política. Ainda que com uma centralidade menor do que há 100 anos, o jornal é um instrumento essencial para a captação. É com ele que poderemos abordar um ativista que está participando de uma manifestação, de uma assembleia ou mesmo de uma reunião para apresentar um resumo da nossa política sobre determinados temas que têm maior importância de acordo com o momento.

É uma tarefa básica de todo militante do Juntos! a compra, leitura e venda do jornal. Todos devem estar sempre com uma quantidade de jornais para vender sempre que existir a oportunidade, além de organizarmos agendas coletivas, com banquinhas e brigadas de venda do jornal.


8. Enraizar nossa atuação: o papel das entidades


Uma outra compreensão básica que a militância revolucionária acumulou é de que só há organização se esta estiver enraizada no espaço em que pretende atuar. Precisamos estar envolvidos nos processos que acontecem na realidade como forma de construir nossa organização e impulsionar as lutas pelas indignações que surgem. E uma das formas de organização fundamentais no movimento estudantil são suas entidades representativas: os grêmios estudantis, os Centros e Diretórios Acadêmicos (CA/DA), além de entidades gerais, como os Diretórios Centrais de Estudantes (DCE).

Essas entidades costumam ser uma referência para qualquer estudante. Quando alguém precisa resolver algo, seja burocrático ou político, geralmente recorre a sua entidade representativa para pedir ajuda. Ainda, há estudantes que, sendo mais engajados, querem passar a fazer parte do movimento estudantil a partir da construção da entidade que os representa.

Mas qual a importância da entidade para nós, enquanto uma organização que quer construir uma revolução?

As entidades estudantis têm um perfil semelhante ao dos sindicatos, por construírem lutas que envolvem as demandas mais imediatas da categoria que representam. E a nossa inserção nelas é importante por três razões principais:

 **Referência** a principal referência de luta costuma ser sempre a entidade representativa. Ainda que uma organização possa ter presença em todo um estado, país ou mesmo ser internacional, muito dificilmente ela será mais reconhecida em uma escola ou universidade do que a entidade estudantil local. Se queremos que nossa organização seja referência, precisamos construir as entidades para que a política que construímos nela possa nos projetar. Depois de alguma vitória importante, muitos podem querer entender quem são aqueles que estão “por trás” dessas lutas. Assim, a referência que podemos ganhar quando construímos (bem) uma entidade facilita a captação de militantes.

 **Enraizamento** quando somos parte de uma entidade estudantil, passamos a estar mais conectados com o sentimento dos estudantes, sabendo sempre as principais demandas, o que mais lhes incomoda e que precisamos lutar para que isso seja superado ou conquistado. Assim, temos um melhor termômetro da base estudantil, de forma a entender quando é possível ou não tocar uma luta. Além de ter autoridade para convocar uma mobilização quando for o caso. O enraizamento que uma entidade trás é algo essencial para poder dirigir o movimento ou parte dele sob a nossa política.

Formação construir uma entidade não é algo fácil. Muitas vezes precisamos dar conta de muitas demandas com pouco dinheiro e com poucas pessoas para tocar as tarefas. Aprendemos a fazer um pouco de tudo. Aprendemos a também liderar lutas. Aprendemos a responder a uma base que nos elegeu. Todo militante que vive a experiência de ser um diretor de uma entidade se transforma em um militante com mais qualidade. O senso de responsabilidade, quando nos movimenta, forma um militante.

9. Da luta à revolução ecossocialista

Em um mundo onde a barbárie é crescente, só uma organização revolucionária pode superar a dispersão e o individualismo que tem pautado nossas vidas. Esperamos que este guia possa ajudar nossa militância na tarefa fundamental de construir uma alternativa que possa pôr fim à ameaça da extrema-direita, mas principalmente ao mal maior que possibilita a sua formação: o capitalismo. Seguindo a bússola do marxismo, o trabalho de base precisa ser o centro de nossa atuação para dar conta desta tarefa.

Juntos! indica:

Problemas de Organização
Nahuel Moreno



Juntos.org.br



15 ANOS



organize sua
INDIGNAÇÃO